

Casal Sá Pereira: a descoberta de um acervo

GTE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MUSICAL

Comunicação

Valéria Garcia Soares

UNIRIO

valeriagarciasoares@gmail.com

Resumo: O presente texto apresenta os primeiros passos da fase de coleta de dados de uma pesquisa de doutorado em andamento, cujo objetivo é construir uma biografia de Nayde Jaguaribe Alencar de Sá Pereira, pianista e educadora musical que desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento e na difusão do método de Iniciação Musical criado por seu esposo, o educador musical Antônio Leal de Sá Pereira. A investigação apoia-se em diversas fontes, como a Hemeroteca Digital, documentos institucionais e, especialmente, no acervo pessoal do casal Sá Pereira, foco central deste trabalho. Com base em autores como Le Goff (1990), Cury (1993) e Barros (2011), discute-se o papel dos arquivos e acervos na construção da história e da memória de sujeitos históricos. Esta comunicação propõe uma reflexão sobre o tratamento, o manuseio e as implicações epistemológicas do uso dessas fontes no processo de análise da trajetória de Nayde Sá Pereira. Como considerações parciais, destaca-se a relevância dessas fontes para a pesquisa, não apenas por oferecerem informações inéditas, mas também por ampliarem e aprofundarem a compreensão sobre a atuação da educadora no campo da educação musical no Brasil. Além disso, destaca-se a importância do acervo pessoal não apenas como repositório de informações inéditas, mas como catalisador de novas interpretações e iniciativas de preservação da memória educacional e musical, contribuindo para inspirar futuras pesquisas na área.

Palavras-chave: Nayde e Antônio Sá Pereira, História da educação musical, Arquivo e Acervo.

Introdução

Durante minha trajetória acadêmica, percebo que um dos maiores desafios é manter o foco no objeto de estudo e nas ações delineadas nos objetivos da pesquisa. Isso porque, ao iniciar a busca por informações relacionadas ao tema, surgem inúmeras referências e dados que, embora relevantes e instigantes, podem nos desviar dos propósitos previamente definidos.

Minha pesquisa de doutorado¹ tem como foco central a trajetória de Nayde Jaguaribe Alencar de Sá Pereira e suas contribuições para o ensino de música infantil. A investigação abrange o período de 1939 a 1976, quando Nayde atuou como professora no curso de Iniciação Musical da então Escola Nacional de Música, hoje Escola de Música da UFRJ² (Soares, 2021, p.26). O objetivo geral é destacar Nayde como uma figura de relevância na Educação Musical, tanto por sua atuação como musicista e formadora de profissionais, quanto por seu papel na transformação dos métodos de ensino musical na instituição.

No decorrer da pesquisa, surgiram naturalmente informações paralelas que, apesar de estarem conectadas à trajetória de Nayde, poderiam ampliar excessivamente o escopo do trabalho e comprometer sua objetividade. Um exemplo significativo foi o acesso ao acervo pessoal do casal Sá Pereira³, que reúne documentos, correspondências, fotografias, partituras e materiais pedagógicos de grande valor histórico. Embora esse acervo ofereça uma compreensão mais ampla do contexto em que Nayde atuou — incluindo a colaboração com seu marido, o educador musical Antônio Sá Pereira —, seu conteúdo extrapola os limites definidos para este estudo específico.

Desta forma, para evidenciar o legado deixado por Nayde de Sá Pereira, a pesquisa doutoral se justifica, pela perspectiva de apresentar contribuições pouco registradas. Assim, empreende-se ações que preservem e analisem dados disponíveis no acervo pessoal do casal Sá Pereira, possibilitando despertar interesse, inspiração para outros pesquisadores.

Por isso, considero fundamental compartilhar o desenvolvimento da pesquisa, suas etapas, caminhos metodológicos e os instrumentos utilizados para a coleta de dados. Explicitar como a literatura orienta essas escolhas também contribui para a transparência e consistência do trabalho acadêmico.

¹ Pesquisa financiada pela bolsa FAPERJ Nota 10, desenvolvida no âmbito do Grupo de Pesquisa GePEAMUS.

² Esta instituição foi fundada em 1848 como Conservatório de Música (1848-1889), com o advento da Proclamação da República, a Instituição passa a ser intitulada como Instituto Nacional de Música (1890-1937). Em 1937 muda para a denominação Escola Nacional de Música quando a Universidade do Rio de Janeiro passa a chamar-se Universidade do Brasil (1937-1965). E, em 1965, por força do Decreto nº. 4.759 do Governo Militar, passa-se a adotar a nomenclatura Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Fonte: <https://musica.ufrj.br/institucional/escola/historico>

³ O acervo do casal Sá Pereira, ainda pouco explorado academicamente, apresenta potencial para futuras pesquisas independentes. Seu conteúdo oferece subsídios não apenas para a compreensão da atuação pedagógica e musical de Nayde e Sá Pereira, mas também para o estudo das práticas educacionais e musicais no Brasil durante grande parte do século XX.

Diálogo com a historiografia

Nayde Jaguaribe Alencar nasceu no Ceará, filha do médico Meton de Alencar Filho e da pianista Hortência Natalina Jaguaribe de Alencar. Desde muito jovem demonstrou grande aptidão para a música: aos 15 anos, já integrava o corpo docente da Escola de Música Carlos Gomes (1928), em Fortaleza, ministrando aulas de piano ao lado de sua mãe. Paralelamente à docência, também realizava concertos sociais em sua cidade natal. Mais tarde, no Rio de Janeiro, concluiu sua formação em piano com distinção, em 1933, na classe do professor Guilherme Fontainha, no Instituto Nacional de Música.

Antônio Sá Pereira, por sua vez, foi pianista, professor e diretor da Escola Nacional de Música no início do século XX. Em parceria com Liddy Chiaffarelli Mignone, foi responsável pela criação do método *Iniciação Musical*, voltado para a primeira fase escolarizada do ensino de música (Rocha, 2012, p. 274). Na década de 1940, Sá Pereira e Nayde se casaram — fato que justifica a atual organização de seus arquivos pessoais como um único acervo.

Esse acervo físico do casal Sá Pereira encontra-se atualmente sob a guarda de Maria Teresa de Moura, sobrinha-neta de Nayde. Organizado como um acervo unificado, ele já foi parcialmente digitalizado e, em parte, utilizado para a elaboração do site da Escola Sá Pereira⁴. Nayde aparece em diversas fotografias ali publicadas, e foi por meio dessas imagens e das legendas que a mencionam que cheguei até essa musicista e à atual responsável pelo acervo. Embora o conteúdo do acervo extrapole os limites desta pesquisa, ele constitui uma descoberta relevante, que poderá fundamentar futuros estudos voltados à história da Educação Musical brasileira.

O interesse por Nayde surgiu, inicialmente, durante o desenvolvimento do meu trabalho de mestrado, que teve como objeto de estudo a história e a criação dos Cursos de Extensão da Escola de Música da UFRJ. Durante a pesquisa, foi identificado o curso intitulado *Iniciação Musical*, voltado ao ensino coletivo de música para crianças. Tratava-se de um curso

⁴ Fonte: <https://escolasapereira.com.br/>

gratuito, oferecido na modalidade de extensão universitária, com foco na comunidade externa (Soares, 2021, p. 83).

Na Escola Nacional de Música, Nayde foi responsável por ministrar as aulas desse curso, no qual atuou como professora por aproximadamente trinta anos, formando centenas de professoras para a aplicação do método criado por Sá Pereira (Soares, 2023, p. 11). Apesar de sua longa e expressiva atuação, pouco se fala sobre Nayde como gestora desse curso e, menos ainda, sobre sua relevância nas práticas pedagógicas da Educação Musical naquele contexto histórico.

Inicialmente, os materiais disponíveis sobre Nayde limitavam-se a duas obras de sua autoria: (1) o livro *Bandinha Rítmica* e (2) a tese *Iniciação Musical: Histórico, Finalidade e Características Essenciais do Curso* (Soares, 2023, p. 11). A partir dessas fontes, a investigação foi ampliada por meio de um levantamento em periódicos da Hemeroteca Digital, documentos da Escola Nacional de Música/UFRJ e arquivos pessoais que pudessem contribuir para a construção de sua biografia e para o resgate de sua importância na história da música e da educação no Brasil.

Como afirma Lilia Schwarcz, em entrevista concedida ao UOL News (2024):

A história não é feita de lembranças. Uma parte muito significativa da história é feita de esquecimento, e o grande papel do historiador, da historiadora, é dar um lembrete: que é preciso lembrar de não esquecer. [...] História e memória sempre vivem às turras: a história desconfia de uma forma de lembrança que é sempre subjetiva, e a memória, que é sempre subjetiva, desconfia da história... Eu acredito na memória e na história e no bom casamento dessas duas formas de refletir sobre o passado (entrevista UOL News, 2024).

A socióloga, historiadora e antropóloga — recentemente nomeada para a Academia Brasileira de Letras — oferece, com essa reflexão, uma importante chave de leitura para o trabalho de resgate que envolve a figura de Nayde. Como pesquisadora, reconheço nesse entrelaçamento entre história e memória uma ferramenta essencial para compreender, recuperar e valorizar contribuições que, por diferentes razões, foram deixadas à margem dos registros oficiais.

Diante disso, algumas perguntas emergem de forma central para esta pesquisa: quais são as implicações do estudo sobre história, memória e esquecimento no desenvolvimento

de um trabalho acadêmico? De que maneira os documentos guardados no acervo pessoal do casal contribuem — direta ou indiretamente — para o avanço da pesquisa, bem como para a construção de uma história mais abrangente da Educação Musical no Brasil?

Acesso ao acervo pessoal de Nayde e Antônio Sá Pereira: memória, arquivo e preservação

Recentemente, iniciaram-se os esforços para localizar e acessar o arquivo pessoal de Nayde Jaguaribe Alencar de Sá Pereira, a partir da investigação do acervo de Antônio Sá Pereira, seu esposo. Parte desse material, previamente digitalizado, estava disponível até o ano de 2023 na página da Escola Sá Pereira (Soares, 2023, p. 14), e foi por meio dessas fontes iniciais que surgiram as primeiras pistas mais concretas sobre Nayde.

Sabe-se que o casal não teve filhos, o que levou à busca por parentes próximos que pudessem fornecer informações ou permitir o acesso a esse acervo. Por intermédio de minha orientadora, Inês Rocha — responsável pela organização e digitalização de parte do acervo de Sá Pereira —, foi possível chegar até Maria Teresa Moura, sobrinha-neta de Nayde, atual tutora do acervo familiar.

Por meio de Maria Teresa, tornou-se possível acessar não apenas documentos relativos a Nayde, mas também o acervo completo do casal Sá Pereira. Em uma primeira visita realizada, foi disponibilizado todo o material sob sua guarda. Esse acervo inclui fotografias, recortes de jornais, livros, cartas, rascunhos de diários e outros documentos, todos organizados em álbuns e pastas.

O contato direto com a família e com os objetos preservados tem sido crucial para esta pesquisa. Esses materiais oferecem não apenas dados factuais, mas também elementos simbólicos e contextuais que ajudam a definir o modelo e a abordagem do trabalho. Embora Nayde tenha tido uma trajetória pública como professora universitária, o acesso ao acervo revela outra camada de sua identidade e contribui para ampliar o entendimento de sua atuação educacional e social.

Ana Chrystina Mignot (2003) destaca a importância desses arquivos pessoais ao afirmar:

Olhar papéis guardados por pessoas comuns, como cartas, diários, autobiografias, agendas, cadernos, bilhetes, fotografias, cartões e postais, constitui-se em leituras diversas. Para aquele que guardou, o reavivar de lembranças, um retorno ao passado. Para os que ainda virão, fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade, de uma época. Para os pesquisadores, em especial historiadores da educação, folhear esses papéis possibilita mais do que admirar. Significa iluminar a escrita ordinária (Mignot, 2003, p. 5).

A maneira como esse acervo está guardado — em ambiente familiar — também revela muito sobre a percepção de valor atribuída à trajetória do casal. Em conversa informal, Maria Teresa manifestou o desejo de doar o acervo para uma instituição que possa garantir sua preservação. No entanto, uma das grandes dificuldades tem sido encontrar uma instituição com interesse e estrutura adequados para receber, organizar e disponibilizar esse material ao público e à comunidade acadêmica.

Vale mencionar que, até 2023, parte do acervo digitalizado estava disponível na página da Escola Sá Pereira. Contudo, com a mudança de gestão da escola — que não se encontra mais sob direção da família —, o conteúdo foi retirado do ar. Atualmente, a página mantém apenas uma linha do tempo com marcos históricos da instituição, sem o acesso completo ao acervo. Isso evidencia as fragilidades da preservação de arquivos pessoais, principalmente quando ligados a figuras cuja trajetória, como a de Nayde, envolveu desafios sociais e de gênero que contribuíram para seu apagamento parcial da história oficial.

Acerca disso, José d'Assunção de Barros observa que:

[...] quando a memória viva de determinados processos e acontecimentos começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram, começa a se tornar ainda mais necessário um movimento de registro destas memórias” (Barros, 2011, p. 331).

Desta forma, esse cenário revela a importância dos arquivos pessoais como instrumentos de memória coletiva. Eles são, muitas vezes, os únicos registros disponíveis sobre pessoas ou práticas que não foram contempladas pelas narrativas institucionais. Essa memória, construída a partir de documentos da imprensa, correspondências, cadernos e objetos guardados, também pertence a grupos sociais específicos, cujas tradições e esquecimentos moldam o que é lembrado ou silenciado.

Nesse sentido, Barros (2011) propõe a noção de “memórias históricas”, em que tradição e esquecimento são elementos complementares: a tradição, como prática reiterada por determinado grupo social; e o esquecimento, como resultado de processos seletivos muitas vezes conduzidos por autoridades que decidem o que deve ou não ser lembrado — e por quem. Le Goff (1990) complementa essa visão ao afirmar que “os fenômenos da memória, tanto nos seus aspectos biológicos como nos psicológicos, mais não são do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui” (Le Goff, 1990, p. 425).

Nesse contexto, compreende-se que os lugares onde os eventos são registrados — seja para uso individual ou coletivo — podem ser considerados extensões da memória. Fichas de inscrição, receitas de bolo, notas em jornais, comunicados e demais documentos cotidianos tornam-se, com o tempo, elementos de uma memória permanente. Assim, mesmo depois de terem cumprido seu propósito original, esses registros adquirem valor documental e passam a compor um patrimônio cultural e histórico. Esse é, precisamente, o caso dos arquivos encontrados no acervo da personagem central desta pesquisa.

Arquivo, acervo e a escuta da memória: considerações metodológicas

Reler os **arquivos** e **acervos** é fazer ecoar as vozes, de novo cheias de juventude, dos escritores, embora já carregadas dos timbres da produção futura já conhecida do leitor. Pode significar adentrar a personalidade do escritor, na forma como organizou sua biblioteca, nos objetos que conservou, nos bilhetes de teatro que guardou e que nunca são mudos para o olhar atento que os escolhe e relaciona. Fazer falar as fontes é voltar o olhar para as ruas das cidades em cujos calçamentos ainda ressoam os passos de escritores e intelectuais e os seus sonhos de mudança. É procurar ouvir o murmúrio dos que lotavam as salas de teatros e cinemas, dos que acompanhavam com paixão a leitura de manifestos, dos que riram com os espetáculos de circo. É de novo ouvir o aplauso do público ou acompanhar pela imprensa o percurso de determinada palavra. (Cury, 1993, p.90) (grifos meu)

Neste tópico, discute-se a noção de fontes, especialmente em relação aos termos “arquivo” e “acervo”, que, embora por vezes tratados como sinônimos, possuem distinções conceituais importantes. Em alguns contextos, suas definições se sobrepõem, o que pode gerar confusões, especialmente no campo da pesquisa histórica e documental.

Conforme Lose (2020), embora os termos possam ser utilizados de maneira intercambiável, é importante reconhecer suas especificidades. A autora define acervo como:

[...] um conjunto de bens que integram o patrimônio de um indivíduo, de uma instituição, de uma nação, sendo, portanto, o conteúdo de uma coleção privada ou pública que pode ser de caráter variado – bibliográfico, artístico, fotográfico, científico, histórico, documental ou misto (Lose, 2020, p. 11).

Já o termo arquivo é compreendido como:

[...] um conjunto de documentos – de variados tipos e suportes – criados ou recebidos por uma organização, firma ou indivíduo, que os mantém, ou deveria manter, ordenadamente como fonte de informação para a execução de suas atividades (Lose, 2020, p. 11).

Lose destaca que o arquivo pode estar contido dentro de um acervo, compondo um conjunto documental mais amplo, que também pode incluir objetos pessoais, mobiliário, equipamentos de escrita, além de uma biblioteca, por exemplo. Para os pesquisadores, especialmente da área da História da Educação, esses elementos representam vestígios fundamentais da vida intelectual e afetiva dos sujeitos históricos.

No entanto, trabalhar com essas fontes não está isento de dificuldades metodológicas e éticas. A própria Lose (2020) menciona, com base em Jacques Derrida, o que este denomina de “mal de arquivo” (Mal d’archive): um impulso que acomete o pesquisador ao lidar com acervos, levando-o a manipular, selecionar e organizar documentos conforme suas próprias intenções, ainda que inconscientes. Essa escolha – o que se guarda, o que se descarta, o que se prioriza – interfere diretamente na narrativa produzida.

Por isso, os resultados apresentados neste trabalho, ainda que baseados em documentos e materiais concretos, estão inevitavelmente atravessados pela subjetividade de quem escreve. A estrutura do acervo, sua organização (ou desorganização), e os vestígios de silenciamento ou destaque dizem tanto sobre o objeto quanto sobre quem o constituiu e o conservou.

[...] acervo é memória, e memória é um organismo vivo e, portanto, mutável, consciente ou inconscientemente. [...] a estrutura técnica do arquivo arquivante determina também a estrutura do conteúdo arquivado, em seu próprio surgimento e em sua relação com o futuro. O arquivo tanto

produz quanto registra o evento (Derrida, 2001, p. 29 *apud* Lose, 2020, p. 12).

Mesmo com lacunas e imperfeições, o acervo/arquivo se torna central por revelar fragmentos que, entre apagamentos e permanências, permitem reconstituir aspectos do objeto de pesquisa. Como destaca Cury (1993), a História, muitas vezes, seleciona e nos fornece apenas aquilo que se ajusta à ideologia de seu tempo. Mas também guarda, contraditoriamente, os seus “avessos”, seus esquecidos, suas utopias não cumpridas e sensibilidades soterradas. E complementa: “Num país como o nosso, onde a questão da identidade ainda é dolorida, a carência de pesquisas se mostra perversa em face da urgência da reconquista do passado. Não como fetiche ou como nostalgia, mas o passado apreendido de forma crítica [...] (Cury, 1993, p. 84)”.

Há quase três décadas, Cury já apontava os desafios da escrita da história no Brasil, especialmente em um contexto de negligência institucional com relação à memória. Esse cenário é agravado pelas dificuldades de acesso aos acervos e pela falta de políticas públicas que assegurem sua preservação.

Ao me debruçar sobre esse conjunto de materiais, percebo que minha trajetória de pesquisa também reflete uma redescoberta. Sinto-me como se estivesse “descongelando” uma personagem esquecida, aos poucos revelando a potência de sua atuação. A figura de Nayde Sá Pereira ressurgiu com voz própria, ainda reverberando no campo da educação musical.

Investigar sua trajetória tem sido, como sugere Hoffmann (2015), um trabalho de necromancia historiográfica – não apenas por evocar uma figura silenciada, mas por dar vida a tantas outras vozes que a cercavam e que também foram esquecidas. Ao tentar mapear a presença de Nayde na Escola Nacional de Música, na década de 1930, identifiquei, até o momento, pelo menos oito outras mulheres que desempenharam papel relevante na instituição. Essa descoberta amplia os horizontes da pesquisa, colocando em foco a presença feminina na história da educação musical — presença essa frequentemente silenciada.

Deixar de pesquisar e tornar público esse percurso seria contribuir para o apagamento total dessa memória. Tornar o acervo do Casal Sá Pereira acessível é garantir

que sua história — e a de tantas outras educadoras musicais — continue a inspirar, informar e transformar.

Considerações

Conclui-se, neste primeiro momento, que as ações de Antônio e Nayde Sá Pereira deixaram marcas significativas na história da educação musical brasileira, especialmente por meio do Curso de Iniciação Musical, cuja proposta se destacou por oferecer uma alternativa aos métodos tradicionais de ensino para crianças. No entanto, apesar de sua relevância, tanto a história quanto a memória desses educadores sofreram processos de apagamento.

No caso de Sá Pereira, sua atuação acabou parcialmente obscurecida pela força institucional e simbólica do movimento do canto orfeônico, liderado por Heitor Villa-Lobos (1887–1959) no mesmo período (Monti, 2008, p. 78–79). Já Nayde, por sua vez, parece ter sido silenciada pelas dinâmicas de gênero da época, permanecendo frequentemente à sombra de seu cônjuge, apesar de sua longa e consistente atuação docente (Soares, 2023).

Diante disso, denuncia-se aqui a carência de atenção e de políticas voltadas à preservação e valorização dos acervos desses personagens que tanto contribuíram para a formação musical de gerações. É necessário reconhecer que merecem um lugar de memória na instituição à qual dedicaram grande parte de suas vidas profissionais — seja como casal, seja por suas histórias individuais.

Este trabalho, ao propor o resgate documental e analítico do acervo de Nayde Sá Pereira, objetiva não apenas narrar sua trajetória, mas também contribuir com a reconfiguração do campo da História da Educação Musical no Brasil. Como afirma Mignot (2003, p. 5), esses documentos e objetos são “fios que tecem a memória de uma família, de uma instituição, de uma sociedade, de uma época”.

Deixo, assim, registrado o início de uma narrativa que busca iluminar a vida e a obra de uma educadora notável, cuja contribuição ainda reverbera e merece ser (re)conhecida. A escrita dessa história, sustentada por fontes, documentos e testemunhos, propõe-se como um gesto de reparação e de valorização da memória da educação musical brasileira.

Referências

BARROS, José D'Assunção. Memória e História: uma discussão conceitual. *Tempos históricos*, v. 15, n. 1, p. 317-343, 2011.

CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscrita: Revista de Crítica Genética*, n. 4, 1993.

HOFFMANN, Anette. "Introduction: listening to sound archives". *Social Dynamics*, 41:1, 73-83, 2015.

JAPIASSÚ, Hilton & MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4ª. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 183-184, 2006.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *Memória e História*. Campinas: Unicamp, 1990.

LOSE, Alícia Duhá et al. *Pesquisando acervos*. Salvador: Memória & Arte, 2020.

MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. *Papéis guardados*. Rio de Janeiro: UERJ, Rede Sirius, 2003.

MONTI, Ednardo Monteiro Gonzaga. Canto orfeônico: Villa-Lobos e as representações sociais do trabalho na era Vargas. *Revista Teias*, v. 9, n. 18.-13 pgs., 2008.

PROST, Antonie. *Doze Lições sobre a História*. 2ª ed. 6ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

Lilia Schwarcz é eleita para ABL: 'Mulheres estão mais presentes, mas não é o suficiente'. [s. l.:s. n.], 08 de mar. de 2024. 1 vídeo (18min30s). Publicado pelo canal UOL. Disponível em: https://youtu.be/vntY7wD_Bfc?si=9unsHbM7tZnmnU7W. Acesso em: 09 mar. 2024, às 16:32.

ROCHA, Inês de Almeida. *Canções de Amigo: Redes de Sociabilidade na correspondência de Liddy Chiaffarelli Mignone para Mario de Andrade*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2012.

SOARES, Valéria Garcia. *Peixe vivo: os primeiros cursos de extensão em música da Escola de Música da UFRJ*. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2021.

SOARES, Valéria Garcia. As alunas de Antônio Sá Pereira do Curso de Iniciação Musical. In: *CONGRESSO DA ANPPOM*, 31., 2023, Salvador. *Anais* [...]. Salvador: ANPPOM, 2023.